



II Reunião do GT de Formação/Educação em Economia Solidária

Brasília-DF, 06 e 07 de outubro de 2006

Relatoria: Secretaria Executiva do FBES

Sumário

Participantes.....	2
Síntese.....	2
Para o GT de Formação.....	2
Para as Oficinas Regionais de Formação.....	2
Critérios para a seleção dos participantes.....	3
Papel dos/as Coordenadores/as Regionais.....	3
Relatório Bruto.....	4
Dia 06/10 (manhã).....	4
Momento conjunto de debate do GT de Formação e da Comissão de Reestruturação - Análise de conjuntura	4
Reunião do GT de Formação.....	8
Informes.....	9
Dia 06/10 (Tarde).....	10
Metodologia.....	11
Dia 07/10 (manhã).....	15
Dia 07/10 (tarde).....	17
Definição da agenda e das coordenações pedagógicas regionais.....	19
Critérios para a escolha das experiências de formação.....	19
Outros temas (item 10 da pauta).....	22
Proposta de pauta.....	23
Dia 06 de outubro – sexta.....	23
Dia 07 de outubro – sábado.....	24
Anexos.....	25

Participantes

Adriana Bezerra Cardoso (CEDAC-RJ)
Ângela Marques (SENAES)
Antônio Sena Filho (FASER-RO)
Cláudio Nascimento (SENAES)
Edinara Terezinha de Andrade (FURB-SC)
Fernanda Abreu Nagem (Secretaria Executiva do FBES)
Francisca Silva (ANTEAG)
João Luís Silva (representante de movimento social-RJ)
Lenivaldo Marques S. Lima (Usina Catende)
Lia Tiriba (UFF-RJ)
Robson (SENAES)
Rosângela Góes (UPC-MT)
Sabrina Fadel (Secretaria Executiva do FBES)
Shirlei Almeida Silva (IMS-DF)
Valmor Schiochet (SENAES)

Síntese

Para o GT de Formação

- Ao final de cada reunião repassar todos os encaminhamentos e conferir os entendimentos dos membros do GT.
- Utilizar a lista do grupo (gtformacao@fbes.org.br) para trocar informações sobre os calendários das atividades de formação nos estados e nas regiões.

Para as Oficinas Regionais de Formação

- Para organizar a oficina não devemos misturar os públicos da formação e da reestruturação.
- A ficha não deve ser o único critério para a participação nas oficinas.
- Temos que ter uma pessoa, um facilitador, que faça a articulação/moderação desta oficina, pois as pessoas tendem a ser prolixas.
- O instrumento fundamental para o trabalho, para se pensar a metodologia da oficina são as fichas que recebemos em cada região.
- A metodologia pode ser semelhante àquela que utilizamos na oficina nacional, deu muito certo e as pessoas gostaram.
- Trazer para as oficinas a discussão de como é a partilha no local de trabalho, no chão da fábrica e para além dela, da liberdade *versus* responsabilidade
- A oficina deve despertar um processo, que vai para além dela mesma, para que as pessoas/grupos procurem os seus próprios recursos para se encontrarem.
- Utilizar o texto final da I Oficina Nacional nas oficinas regionais para que se possa construir novos elementos a partir dele.
- Qual é o nosso papel enquanto educadores/formadores na construção do movimento de ES? O GT deve se posicionar quanto a isso.

Critérios para a seleção dos participantes

- As fichas não são critérios de inscrição, mas um instrumento de conteúdos das oficinas.
- Se a ficha não for uma experiência formação em Economia Solidária, não será possível considerá-la, é preciso que ter uma certa radicalidade na seleção. Não depende tanto da quantidade, mas da qualidade da experiência.
- Incluir experiências que valorizem a formação/educação não apenas a partir do olhar do/a formador/a, mas também do olhar do/a trabalhador/a.
- Distinguir experiências de empreendedorismo (micro empresa), ações assistenciais e economia solidária;
- Considerar que todas as fichas recebidas estão inscritas, exceto aquelas que não atendam aos requisitos mínimos.
- Dar prioridade para quem se mobilizou no processo de preenchimento das fichas, considerando processos de formação continuada e não cursos pontuais;
- Convidar trabalhadores/as – experiência do cotidiano de trabalho como formação continuada nos EES – reprodução e inovação social do saber do trabalho;
- Autogestão territorial;
- Articulação em rede: cuidar para não ter duas ou mais experiências vinculadas a mesma entidade e/ou organização;
- Considerar a diversidade de segmentos: quilombolas, indígena, mulheres, etc.

Papel dos/as Coordenadores/as Regionais

- O papel das pessoas desse GT deve ser de articulador/a, de questionador/a, de coordenador/a das oficinas.
- Temos o desafio de trazer a discussão política para o debate e atrelá-la à questão da educação.
- Garantir que seja feita a reflexão da temática da formação/educação em ES nas regiões e provocar o debate.
- Convidar participantes externos (educadores/as) que também contribuam para o debate.
- Pensar em como trazer para as oficinas experiências de educação autogestionada e atores políticos dos FEES (empreendimentos);
- Atualizar as fichas recebidas no banco de dados do FBES, pois muitas delas tiveram falhas no cadastramento (se o GT não fizer este trabalho, não haverá quem o faça).
- Elaborar uma proposta de lista de participantes a partir da avaliação e seleção das fichas recebidas, além de convites a entidades, pessoas do movimento, etc, que não enviaram fichas. Justificar as escolhas e as recusas das fichas, submetendo-as ao GT e aos FEES (?), para que os mesmos possam referendá-las.
- Convidar entidades, parceiros, trabalhadores/as não cadastrados para que enviem suas fichas.
- A lista de participantes deve constar no plano de trabalho.
- Os/as coordenadores/as pedagógicos devem encontrar pessoas para fazer a relatoria da oficina. E a responsabilidade do GT é dar orientações para a sistematização e para a elaboração do documento final, que deve servir de subsídio para seminário nacional.

Relatório Bruto

Dia 06/10 (manhã)

Momento conjunto de debate do GT de Formação e da Comissão de Reestruturação - Análise de conjuntura

Adriana

Temos duas reuniões para esses dois dias, uma da comissão de reestruturação do FBES e outra do GT de Formação. Nos dias 08 e 09 teremos reunião da coordenação executiva do FBES.

Na reunião da coordenação nacional do FBES, entre os dias 12 e 14 de junho, foi formada esta comissão de reestruturação do FBES. Em um primeiro momento, achávamos que não teríamos recursos para a realização de encontros regionais de reestruturação. Então, pensamos em fazer estes encontros aproveitando-se os espaços das oficinas de formação.

Nos dias 18, 19 e 20 de agosto tivemos uma reunião com membros da comissão de reestruturação, de alguns GTs e da coordenação executiva. Um dos objetivos principais era de se pensar esses dois momentos: encontros de reestruturação e oficinas de formação. Decidiu-se que os encontros regionais seriam assumidos pelo FBES e que o GT de Formação pensaria no processo das oficinas de formação. Podemos, nestes dois dias que estaremos aqui, encontrar momentos para discutirmos/ acharmos pontos confluentes em nossas ações.

Quanto aos encontros de formação, é necessário deixar claro que são oficinas para educadores, entendimento ainda não muito claro para todos. Eu não tenho dúvida de que é preciso trazer a discussão da reestruturação do FBES para as oficinas de formação, é um grande desafio e está na pauta do GT de Formação.

Outra coisa é a questão do calendário. Estamos com diversos encontros para acontecer: feiras estaduais, seminário de finanças, encontros de reestruturação, oficinas de formação e encontro nacional de formação. Minha sugestão é de fazer uma fala comum entre os dois grupos aqui presentes. Fazer uma análise de conjuntura e discutir o calendário.

Valmor

Faço uma proposta de discutirmos conjuntura até às 11h e depois os dois grupos se separam.

Sabrina

Estou querendo justificar as ausências de alguns companheiros. O Clóvis, a Graciete, a Sandra Praxedes e a Débora Nunes não puderam comparecer devido a problemas de saúde. O Bené também não poderá estar presente, pois tem outros compromissos assumidos nesta mesma data.

Lenivaldo

Quero otimizar o tempo aqui, porque estamos em uma guerra nos nossos estados em torno do debate político, onde temos que trabalhar no sentido de inserir a questão da Economia Solidária (ES). Saímos de uma Conferência Nacional, onde o presidente esteve presente e temos que convocar os FEES a fazer plenária para apoiar a candidatura do Lula.

A ES está crescendo visivelmente depois da I CONAES e a cada dia vem trazendo mais pessoas que são e que não são politizadas. E nós precisamos interagir com estas pessoas que querem conhecer este mundo.

Nós não conseguimos agendar a conjuntura, se assim fosse, nós não teríamos agendado esta reunião e não estaríamos nesta situação pendular. Veja qual é o contexto que nós estamos. Conjuntura é isso.

Sobre formação e reestruturação, acho que nós temos que pautar não somente o interno, mas o externo. Na Conferência, o primeiro item mais citado foi a Formação.

Valmor

De fato, desde a última reunião do gt de formação muitas coisas aconteceram e a intenção era de conseguirmos implantar algumas questões até o final deste ano, mas demoramos demais para fecharmos o calendário.

Olhando para os FEES, tínhamos o Rio Grande do Sul que estava mais organizado em relação à Formação. Para a SENAES, nossa experiência foi pontual para a realização da I Oficina Nacional de Formação. Conseguimos levar a discussão para a Rede de Gestores e na interlocução com outros ministérios (projeto com catadores e educação de jovens e adultos). Parece que o tema da formação ficou um pouco para trás, embora tivéssemos avanços na discussão dentro dos FEES, nas esferas governamentais, na I CONAES e na instituição do Conselho. E, neste debate, ainda aparece a questão da reestruturação do FBES e a I CONAES traz um certo consenso de qual política pública nós queremos.

Temos muitos desafios pela frente. Um conjunto de acontecimentos, o mapeamento foi o primeiro deles e a formação parece que está sendo o último a acontecer.

As oficinas de formação estavam previstas para acontecer em todos os estados e, por vários motivos, elas passarão a ser regionais e, na seqüência, haverá um seminário nacional. Então, entrou a questão da reestruturação do FBES para o tema da Formação e as coisas ficaram misturadas e confusas. Na última reunião da Coordenação Executiva ficou bem definido que são processos diferenciados.

Pelo fato da SENAES ter alocado recursos para formação, teremos que cumprir o nosso plano de trabalho até o final deste ano, que estará sendo gerido em parceria com a secretaria executiva do FBES, no convênio da Cáritas Brasileira com a Fundação Banco do Brasil.

O que pesa neste momento é a conjuntura política. O orçamento da união foi aprovado somente em maio e, em junho, já iniciou o processo eleitoral. Além disso, o convênio somente foi assinado em 1º de setembro.

Neste convênio, nós conseguimos garantir duas reuniões do GT de Formação, que terá a oportunidade de ir se consolidando. Foi bom podermos fazer a nossa reunião aqui.

As ações de formação precisam ser consolidadas para que no próximo ano possamos entrar com mais força.

A nossa preocupação para este mês não é a reestruturação ou a formação, mas os dois projetos de governo que estão em jogo. Por isso, que temos que aproveitar este momento para prepararmos de novembro para frente.

Acho que o Lenivaldo tem razão, quando ele diz que a SENAES poderá deixar de existir se o Alckim ganhar. Nenhum tema de política pública para mulheres, para a ES, etc, foi aprofundado nesta campanha.

Tivemos avanços no campo da ES no atual governo, a I CONAES ajudou muito e a mobilização em torno dela foi importante.

Temos que aproveitar esses dois dias para darmos conta desta pauta e encaminharmos o que for preciso.

Luigi

Em São Paulo, vimos que, simplesmente, o Serra deletou o trabalho que a Marta iniciou na prefeitura com a criação da Secretaria Municipal de ES. Se o PSDB ganhar, teremos que pensar em uma estratégia para conseguirmos continuar na construção do projeto político do FBES e da ES, a partir das nossas práticas e acúmulos que tivemos até aqui. Acho que a I

CONAES ajudou, mas algumas coisas começaram a se abrir para um caráter mais institucional e temos que saber combinar isso com o movimento social.

O COIN trazia alguns aspectos importantes de interlocução com o governo que deveríamos estar retomando. Reforço que temos que combinar institucional e movimento. Temos que pensar a metodologia sob dois focos: formação de base e reestruturação. Temos que nos preparar para a instituição do conselho e, foi por isso, que se criou esta comissão de reestruturação. Enquanto ES, temos que ter claro uma política de organicidade e trabalho com o governo institucional e também com o movimento dos trabalhadores da ES. Temos que ter um núcleo de organicidade do FBES.

João Luís

Vejo que o Valmor traz um elemento novo: o plano de ação da SENAES. Estou vendo que os encontros de formação não são somente para pensar a questão da formação no movimento de ES, mas sim para cumprir uma agenda política da SENAES.

Paulo

Primeiramente, temos uma situação de conflito: o 2º turno das eleições. Se continuarmos com o governo Lula, sabemos que estarão chegando muitas pessoas novas, mas não conhecemos a sua atuação. Será que a reeleição dará conta da formação e de defender os princípios da ES? Em segundo, temos a possibilidade real de não ter o Lula no 2º turno e a nossa caminhada será muito mais difícil se isso acontecer, pois entraremos em uma rota de colisão, de interesses antagônicos. Por isso, é que temos que levar essa discussão para as bases, pois é dali que saem os votos que vão para as urnas. É um momento muito importante, temos que votar e lutar pela continuidade do nosso apoio político. Acho que se o Alckim ganhar, a arma mais forte que será a indiferença. Simplesmente, ele ignorará que a ES existe. Vejo a importância do GT de Formação trazer esta discussão.

GT de Formação e comissão de reestruturação devem estar atentos para o documento final da conferência para que não se desenvolvam ações diferentes do que está pautado neste documento que deve ser um elemento norteador das nossas ações. Esse é o fator que define os rumos da ES, mesmo que não seja o que nós queremos enquanto indivíduo, porque este documento é legítimo e soberano.

Adriana

Tínhamos um documento sim, que saiu da 3ª Plenária e norteou muita das ações da SENAES. Temos um tanto de coisa para fazer, não até a próxima CONAES, mas sim até a próxima plenária. A CONAES e o Conselho foram a gota d'água, já tínhamos problemas antes, principalmente, no diálogo da nacional com a base e da base com a nacional.

Não estamos conseguindo é gerar militância no interior dos estados, não está havendo articulação entre os representantes da coordenação nacional do FBES e os FEES. Temos novos atores entrando no FBES: Unicafes, Unisol, etc, e terão outros atores que vão quer entrar.

Mesmo se o Lula ganhar, o governo vai ser outro, talvez não teremos o mesmo poder de fogo e para isso teremos que nos organizar.

Temos um papel fundamental neste processo de reestruturação. Como que a gente deve se posicionar enquanto movimento? Não sei como ficará a relação e a organização do FBES: será um GT, uma articulação nacional ou um movimento social?

Qual é o desafio? Precisamos fazer este debate e levar esta discussão para dentro dos encontros que participamos, por exemplo, os encontros da Rede de Gestores.

Se vamos ter que nos constituir como uma articulação nacional, como nós aprenderemos a ser movimento e SENAES ao mesmo tempo? Neste momento, além deste esforço, vamos ter que nos fortalecer enquanto movimento, ser mais forte nacionalmente.

Caso o governo Lula continue, poderemos estender as nossas agendas para depois de 31 de dezembro?

Lenivaldo

Temos que pensar mais uma coisa. Estamos fazendo este debate desde a criação da SENAES, seja com um pé dentro e um pé fora, mas temos nos equilibrado. E estamos lutando para nossa sustentabilidade e ainda não estamos conseguindo nos bancar, estamos usando recurso público até hoje, e, se a direita ganhar, ficará muito mais difícil de se reunir, de planejar, isso é dado.

Outra vertente de sustentabilidade pode ser através de recursos de fora, mas esta possibilidade está cada vez mais minguada.

Os FEES, em sua essência, viveram muito tempo sob uma agenda nacional. A CONAES pautou uma agenda local, uma articulação com governos estaduais, mesmo que a pauta tenha sido nacional. Este movimento, com o governo Lula, será muito mais valorizado. Com o envolvimento de prefeituras e técnicos interessados, esse movimento deve chegar mais lá embaixo, nas bases. E este é o debate que nós teremos que fazer nos nossos estados, a disputa de poder passa por aí.

É um movimento de luta de classe mesmo. Para o PT é um desafio interno quebrar com a hegemonia dos “aloprados” de São Paulo.

Domingos

Quanto à reestruturação, eu vejo isso como algo muito necessário e oportuno, que vem antes mesmo da atual conjuntura política. Muitos aqui já contemplaram minha fala. Precisamos da ES organizada enquanto movimento social. As nossas bases não devem pensar que ES é somente feiras e comércio. Independente de ser ou não governo Lula, o que a sociedade civil organizada não tem como discutir, temos que estar organizados de fato: como podemos compor esta organização? É necessário que sejamos politizados dentro do processo. Temos um empenho enorme com esse governo, mas temos que estar organizados para isso. Nossa organização depende hoje do governo, mas temos que conquistar a nossa autonomia.

Marcos

Temos um dilema aqui, que são as nossas contradições, que esse governo também trouxe para atender certos acordos com outras linhas. Temos que debater e fazer a nossa crítica. O FBES deve ser uma articulação do povo excluído, não deve estar condicionado a um ou a outro governo. Se um governo abre uma brecha para a ES, o capitalismo não abre. Não tem como sermos movimento social e ficarmos recuados. Temos que pensar que os avanços sociais devem acontecer seja no governo A ou B.

Valmor

Acho que o debate está importante, mas precisamos ver como podemos encaminhar estas coisas para também fazermos a discussão política, senão ficamos paralisados neste processo. Precisamos enfrentar várias questões.

Independente do resultado eleitoral, temos que fazer um balanço político, além da reestruturação do FBES, e também um balanço da política pública. O desafio é ganharmos empoderamento da discussão feita na CONAES, como disse o Paulo. As especificidades de cada um dos temas devem ser preservadas.

Eu defendo, junto com a equipe da SENAES, que as oficinas e o encontro nacional de formação aconteçam ainda este ano, pois precisamos encerrar este ciclo, para começarmos em outro patamar. E quem garante que, se este governo continuar, ele continuará o mesmo? Ou se a SENAES será a mesma? Sinceramente, eu espero que seja outra, como o governo também será.

Vamos ter dois meses de muito tarefismo: encontros regionais de reestruturação, oficinas e seminário nacional de formação, seminário de finanças, programa de feiras, mapeamento, encontro dos gestores.

Creio que o debate da reestruturação não deve ser colado com o da formação, talvez seja interessante aproveitar os espaços das feiras.

Lia

Eu não tenho dúvida de que o debate político é importante neste momento. E vejo também que este debate da reestruturação do movimento se faz necessário. Considero que o plano de ação não é apenas da SENAES, mas se constitui em uma parceria com o FBES que vem se construindo desde a I Oficina Nacional de Formação em ES.

Eu não consigo ver esta contraditoriedade de discutir reestruturação e plano de ação. Objetivamente, qual é a viabilidade daqui para o final do ano ou até fevereiro? Como se pode operacionalizar este plano de ação que é nosso?

João Luís

Existe um plano de ação da SENAES que eles precisam cumprir até o final do ano, mas, se o governo Lula ganhar, nós poderemos estender para depois de dezembro, teremos um tempo maior?

Valmor

Existe um plano de ação da SENAES onde a formação está inserida e este plano de ação deve ser executado até o final do ano, além disso existe uma responsabilidade política que é da SENAES.

Reunião do GT de Formação

Após o momento conjunto de análise de conjuntura, a comissão de reestruturação e o GT de Formação se separam para dar início aos trabalhos de cada grupo.

Inicialmente, foi debatida a pauta da reunião do GT de Formação (**Anexo 1**).

Valmor

Temos que organizar o trabalho de hoje à tarde e de amanhã, senão teremos o domínio da conjuntura política e não daremos conta de fazer o nosso cronograma.

É preciso aprofundar a discussão nos pontos que ainda não foram tratados na última reunião do GT. Conseguimos avançar bem na parte de metodologia e podemos retomar de onde paramos. No entanto, os pontos 6, 8 e 9 da pauta, que se referem à operacionalização e sistematização, devem ser aprofundados. Até agora esse processo ficou muito solto.

Francisca

O ponto 4.4 também é importante, é claro, sem desconsiderar os outros pontos sugeridos por Valmor.

Lenivaldo

Podemos iniciar com informes agora antes do almoço e à tarde damos continuidade na parte de metodologia.

Informes

Sena

Optamos por fazer uma oficina de formação em Porto Velho, entre os dias 03 e 05/10, com pessoas da capital e algumas poucas do interior. Discutimos temas relacionados com Desenvolvimento Local; ES e conceito de rede; o FBES e os FEES; e a Lei Municipal de Apoio e Fomento à ES, que já está aprovada e foi lida na presença do seu autor (vereador). Chegamos à proposta de termos uma agência estadual de ES.

Fizemos esta oficina apesar de termos a consciência de que não tínhamos todas as informações sobre os conteúdos que vem sendo trabalhados, a forma de sistematização mais adequada, etc.

João Luís

Estive em alguns estados e vi a dificuldade dos FEES de compreender a ficha. Muitas pessoas achavam que esta ficha era para ser preenchida somente pelas entidades. Além disso, muitos eventos estão acontecendo em diversos locais. Também pude presenciar um pouco do que aconteceu na Bahia com Débora.

Quero chamar atenção pelas coisas que estão acontecendo nos estados e que nós não temos conhecimento. Por exemplo, aconteceu um curso de ES na UFF, que foi muito interessante.

Lia

Em relação a UFF, eu não participei diretamente desse curso, que tratou do “beabá” da ES e que foi mais direcionado para os alunos, no intuito de se conseguir novos bolsistas para participarem da incubadora.

O informe que eu tenho para dar é sobre um levantamento das referências bibliográficas que estamos fazendo em cada estado sobre a produção acadêmica de formação em ES. Observamos que o melhor caminho não é pelos estados, pois a maior parte das referências são naturalmente nacionais. Listamos mais de 140 referências a partir da plataforma Lattes, entrando nos currículos dos pesquisadores, através das palavras-chaves ligadas ao tema.

Quero ver a possibilidade de criarmos um banco de dados no site do FBES sobre a produção acadêmica no campo da formação em ES. Queremos também fazer um levantamento não apenas da produção acadêmica, mas do material pedagógico. Daí, fica uma pergunta: o que fazer com isso?

Dentro do CNPq os pesquisadores se organizam por grupos de pesquisa e estamos querendo um grupo de pesquisa em ES, que tenha como linha de pesquisa o tema formação/educação em ES.

Valmor

Das questões que foram levantadas, tem uma que temos que resolver. O João retomou a questão da Bahia e dos estados. A SENAES tem o FBES como parceiro prioritário na maior parte de suas ações.

Discutimos com a secretaria do FBES e pegamos os contatos de todas as entidades mapeadas que disseram que trabalhavam com formação, assim como, as DRT's e enviamos um convite para preenchimento da ficha de cadastro de experiências. Aconteceu um inconveniente, o pessoal do MDS ligou para o gabinete pedindo fichas de formação e o gabinete nos perguntou quem estava a frente desse processo: a SENAES e o FBES, ou o MDS? Isso gerou um certo constrangimento para nós.

Agora é necessário conhecer e articular as experiências recebidas para construirmos uma estratégia política de formação em ES. Tem determinadas coisas que são iniciativas deste GT e outras são iniciativas de outras redes.

No início de 2004, o Rio Grande do Sul, através do CAMP, apresentou um projeto de sistematização de experiências de formação do FEES-RS. Nós pensamos que esta proposta poderia ser uma experiência piloto que seria replicada nos outros estados. Infelizmente, a tramitação deste projeto durou mais de 2 anos, atrasando todo o processo, que agora estará acontecendo paralelamente ao projeto nacional e, por isso, teremos que conciliar as agendas.

Penso que, no primeiro momento deste desafio, temos que partir da experiência da I Oficina Nacional de Formação em ES e replicá-la nas oficinas regionais, para que elas possam se expandir.

A discussão em torno das fichas não deve ser empecilho para o nosso trabalho, temos que tocar o barco, não temos tempo para voltar atrás. Às vezes, circulam informações que não são as mais importantes e relevantes para esse grupo. Do ponto de vistas das questões executivas, coloco que elas serão partilhadas, não ficarão apenas nas mãos da secretaria do FBES, a SENAES também estará presente neste processo.

Rosângela

Eu apenas quero pedir que o FBES e a SENAES auxiliem na articulação do Centro-Oeste.

Dia 06/10 (Tarde)

Francisca

Quem é representante pela Anteag no FEES-SP não sou eu, é o Maxwell e, pelo FBES, é o Luigi. Parece que a mobilização para o preenchimento das fichas deveria passar pelos FEES, até mesmo porque temos problemas de articulação com os FEES e seria uma boa oportunidade para fortalecê-los.

Acho que houve uma falta de entendimento entre os membros do GT, a comunicação falhou. Quando recebi a notícia de que foram canceladas as oficinas, parei de fazer a mobilização e fiquei mais tranqüila. Por isso, sugiro que ao final desta reunião sejam passados todos os encaminhamentos e conferidos os entendimentos.

Rosângela

No Mato Grosso, fiz alguns contatos e ficou combinado da DRT enviar para a secretaria do FBES as fichas e as mesmas não chegaram. Apesar disso, eu sei que elas foram enviadas.

Estamos também fazendo uma articulação com a Rede Talher para a sistematização das experiências de formação.

Em parceria com a UFMT estamos organizando um Seminário de Educação, que ocorrerá entre os dias 19 e 23 de novembro, em Cuiabá. Teremos a Jornada Internacional de Educação, com temáticas relacionadas à Educação e Trabalho e Educação de Jovens e Adultos. Além disso, já está agendada a feira estadual de ES. Estamos fazendo uma série de articulações direcionadas para a construção de uma rede de educadores no estado, baseada no diálogo de saberes.

Após a I CONAES, as entidades não têm participado das reuniões do FEES-MT. Quando o Clóvis não pode comparecer, a UNEMAT fica sem representação.

Adriana

Senti uma tensão somente quando cheguei em Brasília para a reunião dos dias 19 e 20 de agosto. Percebi que a reação de tensão do Valmor foi por alguma coisa, que não tem necessariamente a ver com a ficha. Concordo que a ficha não deve ser um empecilho, mas ela confunde mesmo o leitor nesta parte do cabeçalho.

Eu tenho que assumir que eu não dei conta de fazer as articulações necessárias por falta de tempo, até mesmo para ligar ou para preencher a ficha da minha entidade.

Divulgamos as informações na reunião do FEES-RJ e falamos para enviarem as fichas para a secretaria do FBES.

Ainda defendo uma posição antiquada de movimento: temos que ter pessoas liberadas para fazer esta mobilização.

Edinara

O grande problema do GT é a comunicação. Não recebi notícias desde a Oficina Nacional, os e-mails não chegaram e eu não fui cadastrada na lista.

O FEES-SC estava bem articulado, eu não cheguei a participar da mobilização, mas sei que o pessoal enviou as fichas.

Criamos na reunião da Rede ITCP um e-grupo para trocarmos informações. Teremos um congresso de extensão e também a feira catarinense.

Enviar informações sobre o calendário das atividades de formação nas regiões para a lista do GT de Formação.

Metodologia

Foi elaborado um documento com a síntese dos encaminhamentos sobre formação feitos na reunião da Coordenação Nacional do FBES, em junho/06, e da reunião de Planejamento dos encontros regionais, em agosto/06. A discussão sobre a metodologia iniciou a partir da leitura deste documento e também da proposta inicial de programação, elaborada na reunião de maio/06.

Lenivaldo

A ficha não deve ser o único critério para a participação nas oficinas.

Adriana

Tem um material de reflexão que vem sendo produzido pelas organizações e não são necessariamente científicos e acadêmicos.

Na leitura dos encaminhamentos tem elementos que achamos que estão contemplados, mas não estão, temos novos elementos.

Edinara

O Lenivaldo está querendo discutir a pauta e a Adriana o público.

Adriana

Tem pontos que não ficam explícitos na pauta e que tem que aparecer. Por isso, que eles aparecem nos encaminhamentos da reunião de planejamento.

Lenivaldo

Temos que refletir como nós fomos construindo as questões de formação desde a comissão de formação. Como vamos resgatar, ver como o movimento de ES faz formação? Como isso estará presente nas oficinas? Acho que temos objetivos demais.

Cláudio

Como é que você está pensando a constituição de uma rede? Quais são os pesos que temos que dar? O que as pessoas/educadores estão discutindo sobre ES? Existem organizações que tem como projeto a autogestão. Tem empresas recuperadas onde o SEBRAE é quem está fazendo a formação. Vou citar um exemplo: tem uma empresa em

Osasco-SP que comprou uma máquina da China e ninguém sabia operá-la, também não tinham recurso para fazer o treinamento adequado para isso. Então, tiveram que contratar uma pessoa de fora, mas o salário dela destoou do salário das demais, descaracterizando o modo de produção, e eles acham que isso não era problema deles.

Lia

Quero colocar duas coisas: a primeira, é questionar se nós queremos fazer este levantamento de experiências de quem faz formação e, o outro, é que temos que levar em consideração em que momento os trabalhadores articulam os seus processos, como eles se auto-educam e como podem se libertar dos educadores. Pois, sabemos que eles fazem formação entre eles. Os trabalhadores da COPARJ fazem educação e nós temos muito a aprender com eles. Precisamos ouvir os trabalhadores.

Rosângela

Tivemos uma experiência boa com o pessoal da Corimbatá, que ainda está dando muito certo. O nosso público era de grupos tradicionais, com diferentes formas de organização e o desafio era de inserí-los neste processo, reeducando/ reeducalizando.

Shirlei

Através da experiência do Programa de Feiras do ano passado foi despertado um processo de formação que originou uma oficina e uma cartilha de “como fazer feiras”. Nos estados criamos uma figura chamada de interlocutor estadual, nos recusamos a utilizar a palavra coordenador.

Uma das coisas que nos preocupa é a formação política dos trabalhadores/as de ES. Um certo dia eu me assustei quando vi, em uma mesa de abertura de um evento, uma pessoa falando sobre ES que não tinha nada a ver com o movimento.

Quero entrar num ponto delicado, que refere-se às assessorias. Acho que muitas delas não enviaram fichas porque não queriam e não querem socializar as suas experiências, acho que foi por isso que não recebemos tantas fichas. Temos que buscar realimentar a mística da ES, tem algumas coisas que não estamos dando conta, temos que rever os nossos objetivos.

Edinara

A minha preocupação é o tamanho deste encontro, quem fará o convite e a escolha dos representantes?

João Luís

Temos que ter uma pessoa, um assessor, que faça a articulação/moderação desta oficina, pois as pessoas tendem a ser prolixas.

Lenivaldo

Para organizar a oficina não devemos misturar os públicos da formação e da reestruturação.

Podemos utilizar a dinâmica do carrossel, por exemplo. Na dinâmica do trabalho, teremos que trabalhar os temas locais, do cotidiano. Quais são os instrumentos fundamentais para o trabalho? São as fichas.

Teremos que aprofundar as diferenças, trazer à tona no foco da educação. Quando correlacionamos os saberes, várias dinâmicas são utilizadas e atrás disso se revela a relação de quem faz a educação técnica e a educação do cotidiano.

Rosângela

Na nossa oficina nacional tivemos uma mesa de abertura para trazer uma contextualização geral. Nós selecionamos as experiências e depois deixamos as pessoas apresentarem sem determinar uma ordem, foi de forma mais espontânea. Estava conversando com o Lenivaldo de não separarmos educandos e educadores.

Adriana

Temos seis objetivos elencados:

- 1) Propiciar troca de experiências de formação em ES no âmbito regional;
- 2) Debater o texto final da I Oficina Nacional de Formação/Educação em ES;
- 3) Elaborar uma estratégia de formação em ES;
- 4) Indicar as bases para uma Política Pública de Formação Nacional em ES;
- 5) Incentivar a criação de uma Rede Nacional de Formador@s em ES;
- 6) Promover um debate sobre a organicidade do FBES.

Acho que a troca de experiências não é um objetivo, mas a maneira como nós estamos propondo para atender nossos objetivos. O texto da I Oficina Nacional também não é um objetivo.

Lia

As trocas de experiências acontecerá em todos os dias, a questão é como se dá o processo de produção e socialização do conhecimento.

Cláudio

Na Oficina Nacional o público era de educadores e fluiu muito bem, mas agora o público será bem heterogêneo. Mas, nada impede de utilizarmos a mesma metodologia da nacional para as oficinas regionais. Temos que trazer a discussão da formação do chão de fábrica, onde o papel do trabalhador/educador da fábrica é de ser um animador.

Shirlei

Se a gente consegue trazer esta discussão para dentro da oficina, de como é a partilha, de como é para além fábrica, da liberdade *versus* responsabilidade, de como era antes trabalhando 08 horas por dia com um patrão e agora trabalhando 16 horas no seu empreendimento... A oficina deve despertar um processo, que vai para além dela mesma, para que as pessoas/grupos procurem os seus próprios recursos para se encontrarem. Acho que começarmos a misturar as coisas, ao invés de buscar um consenso.

Cláudio

A questão é mais metodológica e outros elementos vem aparecendo.

Lenivaldo

Primeiro vem relato e depois a reflexão. A mesa de abertura é para socializar o tema e também para provocar.

Adriana

A minha preocupação é que o produto da Oficina Nacional era outro e agora temos outros objetivos. Nós precisamos ir além do que está posto.

Lia

Acho que os objetivos que estão sendo propostos são muito audaciosos para esses três dias de oficina. Talvez a gente consiga chegar até o terceiro objetivo no máximo.

Quando eu falei em reproduzir o documento da nacional nas regionais é para que se possa partir dele para se trazer novos elementos. Para mim, ainda não estão claros quais são os objetivos gerais. Para se discutir a criação de uma rede, tem que se discutir qual é o conceito de rede.

Rosângela

Acho que não dá para elaborarmos um objetivo para cada dia, temos que ter objetivos gerais que vão nortear todos os dias. A própria oficina já é um elemento formador de rede, pode se partir dela para se trazer elementos regionais e articulações entre os educadores/as de uma mesma região.

Lenivaldo

O papel das pessoas desse GT deve ser de articulador/a, de questionador/a, de coordenador/a das oficinas.

Cláudio

Temos também o desafio de trazeremos a discussão política para o debate e atrelá-la à questão da educação.

Francisca

Pessoal, sinceramente, eu não queria vir para esta reunião justamente porque eu achava que a gente ia voltar nas mesmas discussões da última reunião. Acho que temos que avançar...

Eu defendo que nas oficinas tenhamos experiências a partir do olhar do/a formador/a, mas também do olhar do/a trabalhador/a. Não podemos ficar presos neste texto da oficina nacional, porque é o que a gente acredita! Temos que ter pessoas de fora que possam opinar, criticar e debater com a gente este material.

João Luís

Não é questão de deixar as coisas soltas, mas a metodologia deve partir do grupo local.

Edinara

Nós fizemos a oficina nacional e ninguém saiu de lá reclamando da metodologia, não dá para deixar solto para cada região decidir, temos que traçar diretrizes.

Adriana

Este grupo foi desafiado para incluir o debate da organicidade do FBES na formação. Qual é o nosso papel enquanto educadores/formadores na construção do movimento de ES? Acho que o GT deve se posicionar quanto a isso.

Cláudio

Acho que podemos incluir no último dia um debate conjunto entre o grupo da formação e da reestruturação, mas é uma construção que vai para além da oficina. Sem dúvida, é um ponto importante de se discutir e, como o GT é uma instância mista, deve contemplar a questão da política pública e da organicidade do FBES, pois não dá para o movimento pensar somente nele mesmo. Qual é a estratégia política para a organicidade do FBES?

Lenivaldo

Devemos jogar a bola de volta para a comissão de reestruturação para saber o que nos cabe.

João Luís

Estou entendendo que nós não devemos levar uma proposta pronta para as regiões, podemos até fazer um documento orientador que garanta a autonomia das regionais.

Lenivaldo

O que eu acho complicado é a gente escolher os participantes e as fichas. Mas, sem dúvida, o roteiro metodológico deve sair daqui. Estamos traçando um itinerário para chegarmos ao encontro nacional e não devemos parar por aí. Temos que criar a nossa pauta de política pública de formação em ES. Até hoje o PNQ não é o que a gente quer, por mais esforços que o pessoal da SENAES tem feito, a gente sempre vê pontos que podem ser melhorados.

Adriana

Só para uma questão de encaminhamento, vou me deslocar para a reunião da comissão de reestruturação e ver como podemos intercalar as coisas, talvez um momento conjunto amanhã pela manhã ou à tarde.

A proposta final de programação para as Oficinas Regionais de Formação segue no Anexo 2.

Dia 07/10 (manhã)

A pauta deste dia partiu da discussão das questões operacionais das oficinas regionais.

Lenivaldo

Devemos passar os recursos para os Fóruns Estaduais de Economia Solidária (FEES), para descentralizarmos a administração e a relatoria deve ser especializada.

João Luís

Acho que dá para enviar o dinheiro para os grupos e eles fazem o gerenciamento.

Sabrina

Os recursos deste novo convênio são da União, isso torna as coisas um pouco mais difíceis. Inicialmente, pensávamos que as regionais poderiam ter mais autonomia no uso do recurso, até que fomos informados que tudo, absolutamente tudo, deverá ser licitado. O que a gente precisa rapidamente é de uma previsão de gastos feita pelas regiões, para iniciarmos as licitações, senão não teremos tempo hábil para a realização das oficinas.

Valmor

Precisamos ter muito cuidado nas regiões em relação ao uso dos recursos. As oficinas têm um limite de cronograma. Temos que definir também qual será o público destas oficinas.

A parte administrativa a secretaria executiva e a SENAES assumem e o GT fica com a responsabilidade de fazer a discussão política.

Tem que ficar mais claro a questão da facilitação e da sistematização.

Adriana

Temos que fechar as agendas dos encontros com a comissão de reestruturação.

João Luís

Se podemos dificultar, pra que facilitar? Acho que devemos sim lançar este desafio de gerenciamento dos recursos para as equipes locais.

Valmor

Temos que definir a questão político-pedagógica e ver quem deste GT assume tarefas nas regiões.

Vejo que já temos uma tarefa definida: garantir que seja feita a reflexão da temática da formação/educação em ES nas regiões e provocar o debate. Podemos convidar também participantes externos para provocar este debate.

Ainda temos que definir quem faz a sistematização. Os/as coordenadores/as pedagógicos devem encontrar pessoas para fazer a relatoria da oficina. E a responsabilidade do GT é dar orientações para a sistematização e para a elaboração do documento final, que deve servir de subsídio para seminário nacional.

Lia

Vejo que a mesa de debate é um espaço de grande importância para os processos educativos.

Valmor

Temos que ver que estamos tratando de um processo conjunto. É uma construção do FBES e da SENAES, não dá para separar as coisas. Somos nós que temos que compor a mesa de abertura, ou seja, temos que ter uma pessoa do FBES para falar do movimento de ES, uma pessoa da SENAES para falar sobre políticas públicas para a formação em ES e uma terceira pessoa (convidado/a) com acúmulo na reflexão do tema.

Cláudio

A pessoa que vier para fazer a crítica ou reflexão do nosso processo de formação em ES, não deve vir para desmontar a gente e sim para contribuir para a nossa construção e reflexão.

Lia

Quero falar uma coisa que está um pouco fora do tema. Recebi um telefonema do MTE agora, sobre a publicação de um dicionário de qualificação profissional, que terá verbetes para instrumentalizar a formação que vem sendo desenvolvida no PNQ, a coordenadora é Lucília Machado. Quero pedir que cada um de vocês sugiram verbetes que são usados pela ES para serem inseridos neste dicionário.

Dia 07/10 (tarde)

No início da tarde houve um momento conjunto entre GT de Formação e Comissão de Reestruturação.

Cláudio

Nossa idéia é pegar o resultado da I Oficina Nacional de Formação em ES, usar os mesmos eixos e generalizar o produto deste trabalho nas regiões. A programação proposta pelo GT está configurada da seguinte forma: 1º dia – socialização das experiências de formação; 2º dia – debate sobre o texto da I Oficina Nacional; 3º dia: construção de uma estratégia nacional de Formação em ES.

Marcos

A juventude é um eixo importante na nossa discussão, devemos privilegiar a presença deles neste processo de reestruturação. No primeiro dia teremos um debate com a presença de 3 representantes do governo (MTE/SENAES, MDA e MDS) e 3 representantes de movimentos sociais: Avaliação da Economia Solidária na conjuntura atual; Avaliação da sua atuação em prol da Economia Solidária e em relação ao FBES; Como vêem a ação e o papel do FBES? E trabalharemos a partir de um roteiro que será enviado para os estados com os seguintes eixos: Identidade política do FBES; Relação com outros atores; Gestão e organização e debate e síntese de propostas para a reestruturação do FBES.

Daniel

Não podemos ficar agora vendo a questão do conteúdo, mas de como podemos fazer a confluência e se esta é necessária. Nós estamos elaborando um documento que servirá de subsídio para os estados, temos que ver como vamos reunir as coisas. Podemos fazer os encontros germinados, talvez algumas pessoas da formação pudessem ficar para a discussão da reestruturação e levar suas colocações e propostas de estratégia política.

Lenivaldo

O acúmulo para a discussão da reestruturação não está dado e nós já temos uma pauta. Nós não sabemos quem é o autor do processo de reestruturação, reestruturar é redefinir. Não dá para trocar o pneu com o carro andando. A reestruturação trouxe uma responsabilidade de grande tamanho para o GT de Formação e nós precisamos de tempo.

Valmor

A dinâmica não permite um espaço de confluência: a formação tem uma pauta e a reestruturação está em construção.

A questão que a gente precisa entender é o que vocês estão pensando enquanto comissão de reestruturação. Eu estava achando que era um debate para a construção da IV Plenária Nacional, para pensar a reestruturação como um processo de formação e preparação do debate para a plenária.

Shirlei

Estou preocupada com a nossa agenda, todas as feiras estarão acontecendo a partir de novembro e terão plenárias durante as feiras, mas em muitos locais não temos FEES, temos apenas pessoas de referência. Até o final do mês, o pessoal estará envolvido com o 2º turno da eleições. Em novembro, tem as chuvas e o pessoal estará plantando. Nós não temos macrorregionais formadas, não estou vendo estes encontros acontecerem agora. Além disso, os FEES não têm escritório, nem pessoa liberada.

João Roberto

Não existe acordo entre nós para a realização destes encontros. Não é discutir nossa agenda em função do GT, mas o contrário. Achamos que o momento é propício para iniciar a essa discussão, onde os FEES reflitam sobre o FBES: organicidade, relação com outros atores, representações, etc., para que a gente chegue na plenária com um “caldo”. Então, seria: discussão nos FEES, encontros regionais, depois plenárias estaduais – preparação para a nacional – e plenária nacional.

Esta é a questão ou não é. O FBES precisa disso, foi diagnosticado na última reunião da Coordenação Nacional. Precisamos convocar os estados para esta discussão, enquanto liderança política, com maior organicidade do movimento.

A questão eleitoral não atravessa tão radicalmente. Temos que chamar atenção, induzir e provocar este debate nos estados, precisamos nos centrar nisto. A coordenação vai se reunir amanhã e depois para referendar este processo.

Se a maioria dos FEES não estiverem de acordo com a proposta nacional do movimento, então teremos que conciliar forças e tentar compatibilizar os temas. *Proponho que os encontros comecem com a reestruturação e depois com a formação.*

Luigi

É oportuno fazermos esta discussão agora, não dá para jogá-la para o ano que vem, temos que nos adequar para essa mudança de realidade e nos consolidarmos como uma referência em ES. Tudo tem que comungar nessa experiência de reestruturação. Precisamos perguntar coisas para os estados para termos elementos para realizarmos os encontros regionais e depois a plenária nacional. A relação tem que ser mais clara e límpida neste processo, para termos mais respaldo.

Daniel

Se este processo deve ou não ter centralidade é um debate que será feito pela Coordenação Executiva do FBES.

Lenivaldo

Reforço a fala de João Roberto, de fazer primeiro o encontro da reestruturação, que é ponto essencial para a construção da plenária. Também não dá para conciliar as atividades da formação com a centralidade da reestruturação. Se o Lula perde ou ganha a discussão vai para outro rumo. E a agenda tem que ser colada para pactuar as coisas.

Valmor

A SENAES tem uma responsabilidade política e precisa executar uma ação prevista ainda para este ano, inclusive para poder se organizar para o próximo ano. A minha preocupação está em conseguirmos conciliar as datas, por exemplo, do Nordeste. Penso que até o dia 15 de novembro ainda estaremos contaminados pelo clima das eleições e com esta agenda de 15/11 a 15/12, o seminário nacional de formação fica comprometido.

A princípio nenhuma ação pode ser executada depois de 31 de dezembro deste ano.

João Luís

Se o Lula se reeleger podemos garantir a prorrogação dos eventos para o próximo ano?

Cláudio

Não dá para subordinar uma coisa a outra, temos que construir a estratégia política neste momento, porque se o Lula perder, teremos que deixar as coisas amarradas.

Definição da agenda e das coordenações pedagógicas regionais

Após este momento conjunto, os dois grupos se separam e o GT de Formação trabalha no calendário das oficinas regionais e do seminário nacional de formação, bem como, na definição dos/as coordenadores/as regionais e possíveis convidados/as que estarão na mesa de abertura das oficinas regionais. Estas informações seguem no **Anexo 3**.

Crítérios para a escolha das experiências de formação

Valmor

Nós não temos tempo para voltar e pegar informação novamente com os FEES para a definição do público das oficinas. Tentamos privilegiar e legitimar os FEES, mas quase não

tivemos retorno. Partimos para o envio de convites para as entidades e organizações que foram mapeadas, mais de 300, e que se auto-intitularam como entidades que desenvolvem atividades de formação em ES e, desta forma, conseguimos um número maior de fichas em relação às que tínhamos recebido até o momento.

Temos que tirar alguns critérios para a escolha das experiências, a partir das vagas, temos que pensar os números de participantes, de empreendimentos convidados, além da coordenação pedagógica, da SENAES e da secretaria executiva.

Francisca

Vamos ter que analisar as fichas e partir delas para a definição dos participantes. Temos que considerar que todas as fichas recebidas estão inscritas, exceto aquelas que não atendam os requisitos mínimos.

Cláudio

Temos que ver outros indicadores, como de educadores do “chão de fábrica”, por exemplo.

Edinara

Acho que não tem problema nenhum remeter as fichas aos FEES. Sei que Santa Catarina até que assume, Rio Grande do Sul já não sei e Paraná sempre é uma briga danada. São quantos empreendimentos por estado? Quais são os critérios?

Francisca

Lenivaldo, acho que no Nordeste é você que tem que fazer isso, entrar em contato com as entidades que não enviaram fichas, como é o caso da ASSEMA, esse é o nosso papel e não dos FEES.

Lenivaldo

Não dá pra gente fazer isso... Temos que fazer contatos com as entidades, tirar os prazos, pois é desta forma que fazemos o envolvimento político.

Lia

As pessoas do próprio estado podem ter mais indicações de experiências.

Valmor

Não podemos organizar as oficinas sem considerar as fichas recebidas. Muitas entidades enviaram mais de uma ficha e temos aspectos que são políticos, infelizmente, não tem como consultarmos os FEES novamente.

Sena

O que eu visualizo para Rondônia: estando os critérios estabelecidos e olhando as fichas recebidas, escolhendo a partir dos critérios e referendando-as através do FEES.

Lia

Micro e pequenas empresas podem ter enviado suas experiências, por isso, precisamos distinguir as experiências de formação em ES das experiências de empreendedorismo.

Cláudio

Temos que pensar mais lá na frente, na construção do seminário nacional. Se a ficha não for de ES, teremos que retirá-la, nós precisamos ter uma certa radicalidade na seleção. Não

depende tanto da quantidade, mas sim da qualidade. Se der para consultar os FEES tudo bem, mas não dá para ficar esperando. Nós colocamos um elemento novo que é a educação do cotidiano, não é o empreendimento formado ou que faz formação, mas são aquelas pessoas que estão nas empresas recuperadas, que fazem assembleia, etc. Onde está a pedagogia na organização política de uma fábrica? Dá até para se formar uma rede de “animadores”, pessoas que fazem intercâmbio de uma fábrica para outra.

Valmor

Vamos ter que pensar em como colocar o que o Cláudio diz nas atribuições dos/as coordenadores/as:

- Atualizar as fichas recebidas no banco de dados do FBES, pois muitas delas tiveram falhas no cadastramento.
- Elaborar uma proposta de lista de participantes a partir das fichas recebidas, excluindo-se experiências de empreendedorismo e ação social.
- Convidar entidades não cadastradas para que enviem suas fichas.
- Pensar em como trazer para as oficinas experiências de educação autogestionada e atores políticos dos FEES (empreendimentos);
- A lista de participantes deve constar no plano de trabalho.

João Luís

Não dá para ficar preso somente nas fichas. Também temos que saber distinguir uma ação social de uma ação assistencialista.

Cláudio

Temos que pensar que estamos pautando três focos nestas oficinas: formação de formadores, formação de empreendimentos e formação autogestionada. Portanto, temos que passar por estes objetos.

Lenivaldo

Um programa de formação do movimento tem que ter isso que o Cláudio fala, para criarmos uma cultura do trabalho emancipado. Se você vai trazer um peão de fábrica para um ambiente desse de reflexão, ele pode trazer o seu depoimento. Não estou querendo colocá-lo fora, mas então estaremos falando de um outro tipo de oficina.

Shirlei

Como nós podemos criar um critério para definir isso? Senão teremos a presença dos trabalhadores pelos trabalhadores. Como identificamos isso? Não é uma coisa muito simples. Temos que encontrar nos regionais pelo menos uma pessoa dessas para trazer este elemento.

Lia

O trabalho em si é uma instância educativa. A dúvida que eu tenho é o seguinte: não consigo ver a entrada dos trabalhadores como um terceiro grupo. Nós precisamos aprender com estes trabalhadores e entender como eles se educam. Temos que criar na discussão em grupo, alguma dinâmica onde os trabalhadores tenham voz. O trabalho é uma instância educativa em qualquer lugar. O caso da Catende eu não tenho dúvida, mas pode ser qualquer organização econômica, cooperativas, etc.

Rosângela

Através da nossa experiência com trabalhadores no Mato Grosso vemos que eles se organizam e auxiliam os outros a se organizarem, e é interessante a forma como eles repassam isso.

João Luís

As experiências do Rio de Janeiro com jovens de um grupo de teatro que trabalham com a questão do consumo ético e ES não é formação?

Cláudio

Não pode ser qualquer empresa, tem que ser da nossa área. Mas não temos que ter medo do operário não entender o que estamos discutindo, nós também não vamos entender como se dá a autogestão do seu trabalho, de como ele interage com a máquina e, se ele não soubesse operar a máquina, estaria alienado. A gente nunca fez isso, é uma coisa pra gente refletir. Eu não teria medo dele, eu teria medo de mim.

Lia

Temos que garantir a legitimação e produção dos saberes da ES.

Lenivaldo

Todos nós estamos de acordo com Lia e Cláudio. Estou preocupado com a vinculação disso com os nossos objetivos.

Cláudio

Temos que pensar na comissão de fábrica, senão colocamos vinho novo em garrafa velha.

Valmor

Podemos inserir este debate no processo e temos que nos desafiar a fazer isso. Mas, a pessoa que vai coordenar o processo tem que ter o cuidado de inserir este trabalhador na discussão. Temos que assumir a responsabilidade pela atitude que a gente toma. Processos pedagógicos e educativos com estas características não são fáceis de serem inseridos, ainda mais que nós não construímos nada deste tipo antes (na oficina nacional). O coordenador deve ter uma clareza política para incorporar esta discussão. Sou favorável, mas creio que não será possível fazer isso em todas as regiões.

Cláudio

Vamos fazer uma experiência piloto, por exemplo, no Sudeste e no Nordeste, onde temos Anteag e Catende. Então, os coordenadores se sentem à vontade para fazer esta discussão?

(Lenivaldo disse que sim, dentro do enfoque do formador/educador do cotidiano)

Valmor

Precisamos incluir nos planos de trabalho a lista dos participantes, justificando a seleção das fichas recebidas e da inclusão de novas experiências. Podemos colocar o prazo para a entrega dos planos de trabalho no dia 23/10, até lá teremos tempo para dar a cara, o corpo e o coração da oficinas.

Temos 45 vagas para o seminário nacional que serão distribuídas proporcionalmente para as cinco regiões.

Outra coisa: que tipo de material temos que elaborar para o seminário nacional, a partir das oficinas regionais? Temos dois elementos: formação para o movimento de ES e políticas públicas para a formação em ES.

Vamos tentar construir uma proposta para o seminário nacional até o dia 20/11 pela internet e se a gente não der conta, teremos que nos reunir nas vésperas do seminário para isso.

Outros temas (item 10 da pauta)

Cláudio

Quero apresentar de maneira sucinta a experiência do comissão de sistematização, que congrega projetos de formação apoiados pela SENAES.

A idéia é de um comitê metodológico que possa se encontrar uma vez por mês, sempre na última semana de cada mês, para se discutir e se definir como será a sistematização de cada programa/projeto, sendo que, cada programa tem sua equipe. Uma pessoa de cada equipe participa deste comitê trazendo informações do seu programa/projeto. Por exemplo: temos o "Saberes da Terra" que é um trabalho conjunto entre cinco ministérios com trabalhadores e agricultores familiares ligados à Pedagogia da Alternância, temos também o Programa de Agentes de Desenvolvimento Local, o Planseq, o Programa de Assentamentos da CONCRAB, Empresas Recuperadas, Talher e outros. A partir destes programas/projetos define-se um eixo que recorta todas estas experiências. A minha pergunta é: como podemos articular nossa experiência neste comitê? Até o dia 18/12 estaremos fazendo um histórico deste comitê, das experiências que participam dele, que será publicado ainda este ano.

Valmor

Esperamos que seja possível reunir estas experiências no seminário nacional e que estas estejam envolvidas neste comitê.

Anexo 1

II Reunião do GT de Formação/Educação em Economia Solidária

Brasília-DF, 06 e 07 de outubro de 2006

Proposta de pauta

Dia 06 de outubro – sexta

Manhã (9h00 às 12h30)

1) Definição da coordenação da reunião (5');

2) Leitura e definição da pauta (15');

3) Memória do Acúmulo (2h)

Relato do que aconteceu desde a última reunião do GT de Formação (maio/2006) até o presente momento:

- 3.1. Mobilização nos Estados/Regiões e Panorama das Fichas Recebidas;
- 3.2. FBES Contextualização: reunião da coordenação nacional, reunião de planejamento dos encontros regionais e encaminhamentos da secretaria do FBES - diálogos com o GT de Formação e os Encontros de Formação;
- 3.3. SENAES.
- 3.4. Informe e encaminhamentos quanto ao levantamento/ análise da produção bibliográfica sobre educação/ formação em economia solidária.

4) Metodologia e Conteúdo (1h)

- 4.1. Definição da metodologia e conteúdos a serem trabalhados nas 5 Oficinas Regionais e no Seminário Nacional, a partir da análise das fichas;
- 4.2. Qual será a programação dos eventos?
- 4.3. Definir o conteúdo do documento de subsídio aos encontros regionais de formação. Para tanto, considerar a proposta apresentada no relatório da última reunião do GT de formação, os encaminhamentos da última reunião da coordenação nacional do FBES e os desafios lançados a partir da reunião de organização dos encontros regionais;
- 4.4. **DESAFIO:** qual papel, nós, educador@s/formador@s temos na construção/ fortalecimento do Movimento de Economia Solidária? Quais desafios estão colocados na atual conjuntura? Como podemos atuar? Com quais ferramentas?

Responder a este desafio significa agregar conteúdos/ instrumentos ao projeto que já vem sendo construído desde a última reunião do GT de Formação.

Tarde (13h30 às 18h30)

5) Continuação do tópico anterior (3h)

6) Questões Operacionais relativas à organização das Oficinas Regionais de Formação (2h)

- 6.1. Definição do cronograma de cada uma das oficinas regionais e respectivos locais para realização;
- 6.2. Definição dos responsáveis pela organização de cada uma das Oficinas Regionais e definição do papel dos membros do GT de Formação, do FBES e da SENAES neste processo;
- 6.3. Definição das atividades de facilitação em cada uma das Oficinas Regionais;
- 6.4. Definição dos responsáveis pela relatoria nas Oficinas Regionais;

7) Avaliação do dia

Dia 07 de outubro – sábado

Manhã (08h30 às 12h30)

8) Definir uma proposta/formato para os relatórios das Oficinas Regionais (1h)

- 8.1. Objetivo: facilitar o processo de compilação e organização para o Encontro Nacional (pode ter a mesma estrutura da I Oficina Nacional);
- 8.2. Discussão/elaboração de alguns referenciais de análise/sistematização das experiências de formação;

9) Definição dos participantes das Oficinas Regionais e experiências socializadas (2h)

- 9.1. Experiências de formação (definir quantidade de experiências por região mediante análise das Fichas de levantamento de experiências de formação);
- 9.2. Participação dos Empreendimentos Econômicos Solidários, enquanto educandos e enquanto educadores;
- 9.3. Participação dos Fóruns Estaduais de Economia Solidária e SENAES.

Tarde

10) Outros temas (13h30 às 16h30)

- 10.1. Iniciar o debate sobre o Seminário Nacional;
- 10.2. Apresentar a experiência do Comitê de Sistematização dos projetos de formação apoiados pela SENAES.

11) Avaliação do dia

Anexo 2

Programação para as Oficinas Regionais de Formação em Economia Solidária

(Proposta Final do GT de Formação)

Objetivos Gerais: propiciar a troca de experiências e saberes, debater sobre papel do formador@ e o processo de produção e socialização de conhecimento.

Utilizar dinâmicas intergrativas e lúdicas para a apresentação e demais atividades, de acordo com as características peculiares de cada região.

1º DIA

Mesa de Contextualização

Esta mesa será composta por 03 representantes para tratar dos seguintes eixos temáticos:

- **Formação e estratégia política para o movimento de ES:** 01 representante do movimento de ES;
- **Política pública de formação em ES:** 01 gestor (MTE/SENAES);
- **Visão crítica sobre os processos de educação em ES:** 01 educador/a convidado.

Socialização das experiências de formação em ES

- Formação de formador@s;
- Formação para empreendimentos;
- Formação autogestionada (no cotidiano do trabalho).

Sugestão: elaborar um roteiro de apresentação das experiências questionando, por exemplo, como a experiência entende o papel do educador/a e da educação.

2º DIA

Grupos temáticos*

Acúmulos e principais desafios da educação/formação em ES, tendo como eixo transversal o tema Políticas Públicas:

- Grupo 1: Princípios para uma formação em ES
- Grupo 2: Conteúdos
- Grupo 3: Elementos Metodológicos
- Grupo 4: Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores

* A partir do texto da I Oficina Nacional de Formação em ES.

3º DIA

Elaborar propostas para a construção de uma estratégia nacional (ou de estratégias) de formação em ES

- Proposta para uma agenda nacional (política) de formação do movimento de ES – rede de educadores de ação direta e outras;
- Proposta de Política Pública para a construção de um Plano Nacional de Formação em ES (subsídio: documento da I CONAES);
- Encaminhamentos e avaliação da oficina.

Anexo 3

Calendário, Coordenações Pedagógicas, Convidados/as e Participantes

1) *Datas, locais e coordenações pedagógicas das Oficinas Regionais*

Região	Data	Local	Coordenadores/as	Contato
Norte	29/11 a 01/12	Manaus / AM	Antônio Sena Filho	(69) 3216-5251; 9971-2696; sena02@hotmail.com
Sul	30/11 a 02/12 indefinida	Florianópolis / SC	Edinara Terezinha de Andrade	(47) 3321-0350; 3321-0492; edinara@furb.br
Centro- oeste	07 a 09/12 modificada	Cuiabá / MT	Rosângela Góes	(65) 3665-9621; 3653-3171; 8303-3171 rosangela_goes@yahoo.com.br
Sudeste	02 a 04/12	Juiz de Fora / MG	Francisca e João Luís Silva	(11) 3313-4230; fran_rodris@yahoo.com.br (21) 8207-0255; 8707-3610; 2287- 8013; fmjsilva@yahoo.com.br
Nordeste	11 a 13/12 indefinida	Fortaleza / CE	Lenivaldo Lima e Débora Nunes	(81) 9986-7485; 3673-1527 lenivaldolima@palmares.onlife.com.br (71) 3344-7254; 3277; 3186 debnunes@unifacs.br
Nacional	18 a 20/12	Brasília / DF	GT Formação	(61) 3322-3268; Sec. Exec. FBES (Sabrina) sabrina@fbes.org.br (61) 3317-6308; SENAES (Valmor) valmor.schiochet@mte.gov.br

2) *Indicações de convidados/as para a Mesa de Contextualização*

Região	Convidados/as	Contato
Norte	Chico Lara ou Izabel (Catende) ou Beatriz	
Sul	Cláudio Nascimento ou Cássia ou Débora Nunes	
Centro-oeste	Maria Clara ou Izabel (Catende)	
Sudeste	Izabel (Catende) ou Sílvia	
Nordeste	Lia Tiriba	
Nacional	ainda não foi definido	

3) *Participantes por região*

Região	Nº participantes: experiências, convidados e coordenação
Norte	46 participantes: 41 pessoas da região, 01 secretaria do FBES, 01 SENAES, 01 Convidado/a, 02 GT Formação.
Sul	31 participantes: 26 pessoas da região, 01 secretaria do FBES, 01 SENAES, 01 Convidado/a, 02 GT Formação.
Centro-oeste	32 participantes: 27 pessoas da região, 01 secretaria do FBES, 01 SENAES, 01 Convidado/a, 02 GT Formação.
Sudeste	32 participantes: 27 pessoas da região, 01 secretaria do FBES, 01 SENAES, 01 Convidado/a, 02 GT Formação.
Nordeste	53 participantes: 48 pessoas da região, 01 secretaria do FBES, 01 SENAES, 01 Convidado/a, 02 GT Formação.
Nacional	58 participantes: 14 Nordeste, 12 Norte, 07 Sudeste, 07 Centro-oeste, 05 Sul, 09 GT Formação, 01 Secretaria do FBES, 03 SENAES